

CRENÇAS E EXPERIÊNCIAS DE APRENDENTES DO ENGLISH CLUB

José Henrique de Almeida Cavalcante¹, Pedro Lucas Saraiva Freitas² e Kaline Girão Jamison³

Resumo: O presente trabalho visa apresentar dados de um levantamento preliminar sobre questões ligadas ao ensino de língua inglesa, segundo a visão de aprendentes matriculados no curso de Extensão *English Club* da UNILAB, dando ênfase às crenças deles sobre o que significa ser um “bom aluno” e um “bom professor” de língua estrangeira”. O interesse por esse estudo partiu da concepção de que professores de línguas, muitas vezes, carregam conceitos sobre ensino e sobre supostas expectativas e percepções dos aprendentes em relação à aprendizagem de LE sem se preocuparem em investigar se de fato, suas ideias sobre o contexto educacional no qual ele está inserido se adequa ao que eles pensam sobre. Consideramos que não somente professores, mas os demais agentes, assim como os aprendentes, também envolvidos no ambiente de aprendizagem, contribuindo para a organização do processo de aprendizagem, mas também, para a forma como se ensina uma nova língua. O estudo é de natureza qualitativa exploratório e que, por meio da aplicação de questionários a quarenta e cinco aprendentes matriculados no Projeto de Extensão *English Club*, buscou analisar questões relacionadas ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Com base nos resultados concluímos que, apesar de terem forte influência no processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua, professores não podem atuar sozinhos, os agentes aprendentes exercem papel crucial em toda conjuntura de aquisição de LE.

Palavras-chave: aprendizagem. crenças, ensino, língua inglesa.

¹ Graduando do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB), bolsista do Projeto de Extensão da UNILAB English Club, email: almeidajha@hotmail.com ;

² Graduando do curso de Engenharia de Energias (UNILAB), bolsista do Projeto de Extensão da UNILAB English Club, e-mail: luks.pedro@hotmail.com;

³ Professora Doutora do Instituto de Humanidades e Letras (UNILAB), coordenadora do Grupo de Pesquisa COMPLIC e do Projeto de Extensão English Club, email kalinegirao@unilab.edu.br .

INTRODUÇÃO

Aprender e ensinar uma segunda língua parte, primeiramente, da visão ou combinação de ideias a respeito desse processo que são trazidas pelos agentes envolvidos. Ou seja, as visões que temos do que é língua e das possíveis formas de aprender e de ensinar línguas traçam rotas de sucessos ou falhas. Atuar nesse processo como professor não requerer apenas que se saiba intuitivamente como se ensina, mas entender e se apropriar dos elementos que permeiam esse processo, como a compreensão que os aprendentes tem acerca dessa engrenagem.

Em outras palavras, o professor está atravessado por convicções sobre a forma "correta" de ensinar, além de ter suas afetividade e atitudes influenciando seu *modus operandi* professoral, que muitas vezes não sofre nenhum tipo de confronto, por não dar devida importância às crenças desses aprendentes em relação ao papel do professor e a outras questões importantes que permeiam o processo de ensino e aprendizagem. Sobre esse aspecto, Almeida Filho (2015) defende que "é necessário que os agentes conheçam com realismo os seus contornos formativos", visto se tratar de uma "importante etapa de conscientização para se colocarem em rota de aperfeiçoamento ou superação (p. 14)."

Sobre o conceito de crenças, Barcellos (2004) explica que ele não é de interesse apenas da Linguística Aplicada, mas também da Educação, Sociologia, Psicologia e Antropologia. Pierce (1991 *apud* BARCELLOS, 2004, p. 129) definiu crenças com "idéias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar" (p. 91). Já Dewey (1933 *apud* BARCELLOS, p. 129) argumentou que as crenças são responsáveis por nos dar confiança suficiente para agirmos quando não dispomos do conhecimento certo. Em linhas gerais, conforme sumariza Barcellos (2004 p. 129), "os diversos conceitos sobre crenças são a respeito do que é linguagem, do que é aprendizagem de línguas e sobre aspectos pertinentes à linguagem e à aprendizagem, ou toda tarefa de aprender".

Com esse olhar, buscamos investigar, além de suas experiências e dificuldades enfrentadas no processo de ensino de língua, o papel que eles atribuem a si mesmos, enquanto participantes dessa engrenagem cognitiva e em relação aos professores de língua inglesa. Nosso foco será apontar quais suas crenças sobre o papel do "bom professor" e do "bom aluno" de língua inglesa.

METODOLOGIA

Esse estudo é de natureza qualitativa exploratório e que, por meio da aplicação de questionários a quarenta e cinco aprendentes matriculados no Projeto de Extensão *English Club*, buscou analisar questões relacionadas ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Dentre os participantes da pesquisa, existiam trinta e três discentes da UNILAB, dois servidores e dez membros da comunidade externa.

O questionário continha cinco perguntas, das quais as quatro últimas eram abertas:

- 1- Você já havia cursado inglês antes? (Objetiva: sim ou não);
- 2- Por que você se matriculou no *English Club*?;
- 3- Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas no curso?
- 4- Quais as principais características de um bom professor?;
- 5- Quais as principais características de um bom estudante?

Apesar de as quatro últimas perguntas serem subjetivas, foi possível identificar padrões de respostas, favorecendo no agrupamento de categorias semânticas correspondentes. Assim, conseguimos, por meio desse agrupamento de palavras, realizar uma contagem de respostas semelhantes para, em seguida, desenharmos um gráfico demonstrativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados, constatamos que dos quarenta e cinco alunos questionados em sala de aula, aproximadamente, 31% da turma teve contato com a língua inglesa em um outro espaço de ensino e aprendizagem antes de ingressar no Projeto de Extensão *English Club*. Por outro lado, 69% dos demais alunos nunca cursaram língua inglesa fora do ensino formal (Fundamental ou Médio).

Ao questionarmos os motivos pelos quais os alunos se inscreveram no projeto, percebemos que eles buscaram o curso de língua estrangeira para atender a algumas necessidades, como por exemplo: profissional, acadêmica e pessoal. Aproximadamente, 38% dos alunos afirmaram que a necessidade pessoal era o motivo mais importante, em seguida, 35% dos alunos visaram as suas necessidades acadêmicas. Entendemos que essa necessidade está relacionada ao que a aquisição de segunda língua possibilita ao aluno de LE: um melhor acesso e ampliação a novos conhecimentos. Já as *necessidades profissionais*, segundo os

alunos, não seriam um dos motivos mais importantes para justificar seu interesse em aprender inglês, quanto às duas outras citadas anteriormente, ficando apenas com 27%.

Nas habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, notificamos que 49% da turma relatou dificuldades na habilidade de fala. Com base nos resultados da pesquisa, percebemos que os alunos sentiram-se ansiosos nos momentos da prática de conversação, dificultando na sua comunicação em sala de aula. Aproximadamente 33% dos alunos teve dificuldades na prática do “ouvir” já nas práticas de ler/escrever, apenas 9% dos alunos afirmou ter dificuldades nessas habilidades. Os alunos relataram ter menos dificuldades na prática das habilidades de ler e escrever, por, justamente, não representarem práticas de conversação.

A questão que mais nos chamou a atenção foi a quarta, pois nela os alunos revelaram suas crenças sobre as características de um “bom professor”. Identificamos que 43% dos alunos afirmaram que o professor precisa ser mais dinâmico, pois possibilita uma melhor interação e relação no processo de aprendizagem dentro da sala de aula. O professor, segundo esses relatos, além de ser paciente, atencioso e motivador, precisa ser dinâmico. Além disso, inferimos que essas respostas revelaram que para esses alunos, cabe ao professor o papel de alguém que, em outras palavras, compreende as dificuldades enfrentadas por eles e os ajuda nesse difícil processo. Interessante notar que não foram descritas características ligadas ao grau de conhecimento e/ou proficiência que esse professor deveria ter para ser “bom”.

Assim como foram questionados os pontos de vista dos alunos a respeito as características de um “bom professor”, indagamos também quais as principais características de um “bom estudante”. Nas respostas, detectamos as seguintes características: atencioso, esforçado e estudioso. Dessas qualidades, identificamos que 42% dos informantes atribuiu que deve ser esforçado e em seguida, com 41% das respostas, precisa ser estudioso, e por fim, apenas 17% considera que a atenção deve se fazer presente nesse processo.

Como percebemos, é necessário que seja dada a devida importância às crenças desses aprendentes em relação às percepções não apenas sobre o processo de ensino e aprendizagem, mas também acerca do papel do professor e do aluno como elementos cruciais no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa.

CONCLUSÕES

Consideramos que, apesar de terem forte influência no processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua, professores não podem atuar sozinhos, os agentes aprendentes exercem papel crucial em toda conjuntura de aquisição de LE. Sobre isso, Almeida Filho (2014) argumenta que o aprendiz apresenta um papel menos visível no que se refere ao desenvolvimento de competências e abordagens para devolver uma dada língua, embora extremamente necessário.

Portanto, essa atuação no ensino de línguas envolve não apenas ter o conhecimento formalizado de abordagens, mas também, das ideias que têm os aprendentes sobre as suas experiências e sentimentos como a ansiedade, motivações, dentre outros elementos que podem gerar bloqueios no momento de aprender.

Assim, tudo que é trazido para a cena jogo de aprendizagem, como as visões de língua, percepções, necessidades, crenças, questões identitárias, manifestações de desejos e expectativas, assim como as inseguranças envolvidas nesse processo de aquisição de uma língua estrangeira podem ser de extrema importância para aprimorar os resultados de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. (org.) Competências de Aprendizes e Professores de Línguas. Campinas: Pontes, 2014.

_____. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 4a Ed, 1993.

_____. A trajetória de Mudanças no Ensino e Aprendizagem de Línguas: Ênfase ou Natureza. In: (ALMEIDA FILHO, J.C.P) Linguística Aplicada: Ensino de Línguas e Comunicação. Campinas, SP: Pontes Editora e Arte Língua. 4ª. Edição, 2011.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: Estado-da-arte. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.